

A FAIXA MALHADA

DANDO UMA OLHADA em minhas anotações sobre os setenta estranhos casos através dos quais estudei os métodos de meu amigo Sherlock Holmes nos últimos oito anos, há muitos que são trágicos, alguns cômicos, um grande número meramente esquisito, mas nenhum banal; pois, trabalhando mais pelo amor à sua arte do que pela aquisição de riqueza, ele recusava participar de qualquer investigação que não tendesse ao incomum e mesmo ao fantástico. De todos esses casos variados, entretanto, não posso lembrar de nenhum que tenha apresentado feições mais singulares do que aquele ligado a uma conhecida família de Surrey, os Royslotts de Stoke Moran. Os eventos em questão ocorreram nos primeiros dias de minha parceria com Holmes, quando dividíamos a casa em Baker Street. É possível que eu tenha escrito tudo antes, mas uma promessa de segredo foi feita na época, da qual fui libertado somente no mês passado pela morte prematura da senhora a quem o favor foi prestado. Pode ser uma boa oportunidade para trazer os fatos à luz, pois há rumores correntes sobre a morte do dr. Grimesby Roylott que podem tornar o caso ainda mais terrível do que a verdade.

Foi no início de abril, no ano de 1883, que acordei certa manhã e encontrei Sherlock Holmes parado, totalmente vestido, ao lado de minha cama. Em regra, ele não acordava cedo, e como o relógio na prateleira mostrasse que eram apenas sete e quinze, pisquei com alguma surpresa, e possivelmente um pouco de ressentimento, pois eu mesmo mantinha hábitos regulares.

– Sinto muito por tirá-lo da cama, Watson – disse ele –, mas é a sorte geral nesta manhã. A senhora Hudson foi tirada da cama, fez o mesmo a mim e eu a você.

– O que há, então? Um incêndio?

– Não, um cliente. Parece-me que uma jovem senhora chegou em considerável estado de excitação, insistindo em me ver. Ela está esperando na sala de estar. Ora, quando jovens senhoras vagam pela metrópole a esta hora da manhã e tiram pessoas sonolentas de suas camas, presumo que o que tenham a comunicar seja muito importante. Se for um caso interessante, estou certo de que você gostaria de acompanhá-lo do início. Achei que devia acordá-lo, em todo caso, e dar-lhe esta chance.

– Meu caro amigo, eu não o perderia por nada.

Eu não tinha prazer maior do que acompanhar Holmes em suas investigações profissionais e admirar as rápidas deduções, tão imediatas quanto intuições, porém sempre fundamentadas em uma base lógica, com as quais ele desemaranhava os problemas que surgiam. Rapidamente entrei em minhas roupas e estava pronto em poucos minutos para seguir meu amigo até a sala de estar. Uma senhora vestida de preto e coberta com um véu espesso, perto da janela, levantou-se quando entramos.

– Bom dia, madame – disse Holmes animadamente. – Meu nome é Sherlock Holmes. Este é meu amigo íntimo e companheiro, dr. Watson, com quem pode falar tão livremente quanto comigo. Ah! Fico feliz em ver que a sra. Hudson teve o bom senso de acender o fogo. Por obséquio, ponha-se mais perto dele e pedirei uma xícara de café, pois vejo que está tremendo.

– Não é o frio que me faz tremer – disse a mulher em voz baixa, mudando de lugar como solicitado.

– O que é então?

– É medo, sr. Holmes. É terror.

Ela levantou o véu enquanto falava e pudemos verificar que estava de fato em um deplorável estado nervoso, o

rosto descorado, os olhos irrequietos e amedrontados como os de um animal sendo caçado. Suas feições e seu corpo eram os de uma mulher de trinta anos, mas tinha alguns cabelos grisalhos prematuros e uma expressão cansada. Sherlock Holmes examinou-a com um de seus olhares compreensivos.

– Não tenha medo – disse ele calmamente, inclinando-se e pousando a mão no antebraço dela. – Em breve resolveremos tudo, não tenho dúvidas. Vejo que chegou de trem esta manhã.

– O senhor me conhece, então?

– Não, mas percebo a metade de uma passagem de ida e volta na palma de sua mão esquerda. Deve ter saído cedo, e todavia viajou bastante de charrete, em estradas ruins, antes de chegar à estação.

A senhora ficou chocada e olhou com surpresa para meu companheiro.

– Não há mistério, minha cara madame – disse ele, sorrindo. – A manga esquerda de seu casaco está salpicada de lama em não menos de sete lugares. As marcas são bem frescas. Não há outro veículo, exceto uma charrete, que espalhe lama dessa maneira, e mesmo assim somente se sentar-se à esquerda do cocheiro.

– Quaisquer que sejam suas razões, o senhor está totalmente correto – disse ela. – Saí de casa antes das seis, cheguei a Leatherhead às seis e vinte e vim no primeiro trem para a estação Waterloo. Senhor, não posso mais suportar a tensão, ficarei louca se continuar. Não tenho a quem apelar – ninguém, exceto uma pessoa que se importa comigo, e ele, o pobre-coitado, é de pouca ajuda. Ouvi falar de si, sr. Holmes, pela sra. Farintosh, a quem ajudou na hora da mais dolorosa necessidade. Ela me deu seu endereço. Oh, o senhor acha que poderia me ajudar também e ao menos lançar um pouco de luz na escuridão que me cerca? No momento não tenho como recompensá-lo por seus serviços, mas em um mês ou dois devo estar casada, terei minha própria renda, então não poderá me considerar ingrata.

Holmes virou-se para a escrivainha, abriu-a e retirou um pequeno diário de casos, que consultou.

– Farintosh – disse ele. – Ah, sim, lembro-me do caso; tinha a ver com uma tiara de opalas. Creio que foi antes de você me conhecer, Watson. Só posso dizer, madame, que ficarei feliz em dedicar a seu caso o mesmo cuidado que dediquei ao de sua amiga. Quanto à recompensa, é a minha própria profissão; mas deixo-a livre para me reembolsar por quaisquer despesas que tiver, quando melhor lhe aprouver. Agora, rogo-lhe que apresente tudo o que puder nos ajudar a formar uma opinião sobre o problema.

– Pois bem! – respondeu nossa visitante. – O horror de minha situação está no fato de meus medos serem tão vagos, e minhas suspeitas estarem relacionadas a pistas tão pequenas, aparentemente triviais para outros, que mesmo aquele a quem eu teria o direito de pedir ajuda e conselho vê tudo o que lhe conto como caprichos de uma mulher nervosa. Ele não o diz, mas posso percebê-lo em suas respostas condescendentes e olhar perdido. Soube, sr. Holmes, que o senhor é capaz de ver as camadas mais profundas da maldade do coração humano. Pode me dizer como andar entre os perigos que me cercam?

– Sou todo atenção, madame.

– Meu nome é Helen Stoner. Estou vivendo com meu padrasto, o último sobrevivente de uma das mais antigas famílias saxãs na Inglaterra, os Roylotts de Stoke Moran, na fronteira oeste de Surrey.

Holmes assentiu.

– O nome me é familiar – disse ele.

– A família já esteve entre as mais ricas da Inglaterra. A propriedade se estendia além das divisas com Berkshire ao norte e com Hampshire no oeste. No século passado, entretanto, quatro herdeiros sucessivos foram de um caráter dissoluto e pródigo. A ruína da família foi completada afinal por um jogador, nos dias da Regência. Nada restou, exceto alguns acres de terra e a casa bicentenária, sobre a qual

recai porém o ônus de uma pesada hipoteca. O último nobre suportou sua existência lá, vivendo a terrível vida de um aristocrata depauperado; mas seu filho único, meu padraсто, vendo que tinha de se adaptar às novas condições, obteve um empréstimo de um parente, que lhe permitiu estudar medicina. Ele foi para Calcutá, onde, por sua habilidade profissional e força de caráter, estabeleceu-se com grande clientela. Em um acesso de fúria, no entanto, causado por alguns roubos na casa, ele espancou seu mordomo nativo até matá-lo e escapou por pouco da pena de morte. De qualquer forma, suportou um longo período de encarceramento e voltou para a Inglaterra um homem melancólico e infeliz.

“Enquanto o dr. Roylott estava na Índia, casou-se com minha mãe, sra. Stoner, a jovem viúva do major-general Stoner, da Artilharia Bengali. Minha irmã Júlia e eu somos gêmeas e tínhamos apenas dois anos de idade quando minha mãe se casou novamente. Ela tinha uma quantia considerável de dinheiro, não menos do que mil libras por ano, que confiou inteiramente ao dr. Roylott assim que fomos morar com ele, com a ressalva de que certa quantia anual deveria ser paga a cada uma de nós quando casássemos. Pouco depois de nosso retorno à Inglaterra, minha mãe morreu – ela foi morta há oito anos em um acidente ferroviário perto de Crewe. O dr. Roylott abandonou então suas tentativas de estabelecer uma clientela em Londres e nos levou com ele para viver na casa ancestral de Stoke Moran. O dinheiro deixado por minha mãe era suficiente para todos os nossos desejos e não parecia haver obstáculo algum à nossa felicidade.

“Mas uma terrível mudança atingiu nosso padraсто durante esse tempo. Em vez de fazer amigos e trocar visitas com nossos vizinhos, que a princípio se regozijaram em ver um Roylott de Stoke Moran de volta à velha herdade da família, ele trancou-se em casa e raramente saía, a não ser para meter-se em ferozes querelas com quem quer que cruzasse seu caminho. O temperamento violento, próximo à lou-

cura, é hereditário nos homens da família. No caso de meu padraсто, acredito, ele foi intensificado por sua longa estadia nos trópicos. Houve uma série de brigas vergonhosas, duas das quais terminaram na delegacia, até que ele finalmente se tornasse o terror do vilarejo e as pessoas desaparecessem à sua chegada, pois ele é um homem de imensa força e absolutamente incontrolável em sua raiva.

“Na semana passada, ele atirou o ferreiro num riacho e somente mediante o pagamento de todo o dinheiro que pude juntar foi possível evitar outra exposição pública. Ele não tem amigo algum, exceto os nômades ciganos, e dá àquelas vagabundos permissão para acampar nos poucos acres de macegas que constituem a propriedade, aceitando em troca a hospitalidade de suas tendas, vagando com eles às vezes durante semanas. Ele tem paixão também por animais indianos, que lhe são enviados por um correspondente. No momento, ele tem um leopardo e um babuíno, que passeiam livremente em suas terras e são quase tão temidos quanto seu dono pelos habitantes.

“O senhor pode imaginar pelo que estou contando que minha pobre irmã Júlia e eu não tivemos grandes alegrias em nossas vidas. Nenhum empregado pára conosco e por muito tempo nós fizemos todo o serviço da casa. Ela não tinha mais do que trinta anos quando morreu, embora seu cabelo já houvesse começado a embranquecer, assim como o meu.

– Sua irmã está morta, então?

– Ela morreu há apenas dois anos, e é sobre sua morte que eu gostaria de lhe falar. O senhor pode imaginar que, vivendo a vida que descrevi, era muito improvável convivemos com alguém de nossa mesma idade e posição. Temos, no entanto, uma tia, a irmã solteirona de minha mãe, sra. Honoria Westphail, que vive perto de Harrow. De vez em quando nos era dada permissão para fazer visitas curtas à casa dessa senhora. Júlia foi para lá há dois anos, no Natal, e conheceu um major da Marinha, com quem noivou. Meu

padrasto soube do noivado quando minha irmã retornou e não ofereceu objeções ao casamento; mas duas semanas antes do dia marcado para a cerimônia, ocorreu o terrível evento que me privou de minha única companhia.

Sherlock Holmes estivera recostado em sua cadeira com os olhos fechados e a cabeça envolta por uma almofada, mas então abriu um pouco suas pálpebras e olhou para a visitante.

– Por obséquio, seja precisa nos detalhes – disse ele.

– É fácil para mim sê-lo, pois cada evento daquela época horrível está cauterizado em minha memória. A mansão, com eu já relatei, está muito velha e agora apenas uma ala é utilizada. Os quartos dessa ala ficam no térreo, estando as salas de estar no bloco central. Desses quartos, o primeiro pertence ao dr. Roylott, o segundo, à minha irmã e o terceiro é o meu próprio. Não há comunicação entre eles, mas todos dão para o mesmo corredor. Estou sendo clara?

– Perfeitamente clara.

– As janelas dos três quartos abrem-se para o gramado. Na noite fatal, o dr. Roylott se retirara para seu quarto cedo, embora soubéssemos que ele não se retirara para descansar, pois o cheiro dos fortes charutos indianos que costumava fumar perturbavam minha irmã. Ela deixou seu quarto, conseqüentemente, e veio para o meu, onde ficou por algum tempo, conversando sobre o casamento próximo. Às onze horas, ela se levantou para deixar-me, mas parou na porta e olhou para trás:

“– Diga-me, Helen – disse ela –, você alguma vez escutou um assobio no meio da noite?”

“– Nunca – respondi.

“– Não seria você a assobiar durante o sono?”

“– Certamente que não. Por quê?”

“– Porque nas últimas noites eu tenho escutado um assobio claro e baixo, por volta das três da manhã. Tenho sono leve, por isso acordo. Não posso dizer de onde vem – talvez do quarto ao lado, talvez do gramado. Pensei em perguntar-lhe se você havia escutado.